



RUINAS DO CASTELLO DE LA TRAVE.

As ruínas do castello de la Trave estão situadas quasi a mil e quinhentos metros da aldeia de Prechac, no districto de Villandraut (Gironde), nas margens do Ciron, pequeno e rapido ribeiro, estreitamente encerrado entre duas eminencias escarpadas, de dez a quinze metros de altura.

Este castello parece ter sido construido no principio do seculo XIV, e fez parte dos vastos dominios da familia de Montferrand.

«O castello foi destruido em 1450» diz M. Jouanet, na sua Estatistica da Gironde, «depois do supplicio de Pedro de Montferrand em Poitiers; alguns lanços de muro ainda de pé, outros caidos, outros arrasados até á base, attestam a imprudencia do seu antigo senhor, e a vingança de Carlos VII.»

A mina de 1450 cumpriu tão bem a obra de destruição, que muitos pedaços dos muros foram arrojados a grande distancia, emquanto outros rolaram até ao meio do Ciron, onde parecem hoje rochas naturaes.

O plano do castello consiste em um quadrilongo, flanqueado nos angulos de torres quadrangulares collocadas diagonalmente, e precedido d'um vasto pateo polygonal ao noroeste, cercado de muros. Um fosso de dez a doze metros de largura separa estas duas partes do castello. Outro fosso cinge toda a porção que não é defendida pelo rio.

VOL. II. — 4.ª SERIE.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

A PALMEIRA ARECA.

As palmeiras teem porté elegante e magestoso, dimensões muitas vezes gigantescas; servem para uso alimenticio e economico; os seus productos são variados; teem tradições ou recordações historicas; e a sua distribuição geographica é muito extensa.

Estas são as principaes causas que recomendam este grupo tão interessante; e a estas arvores chamou Linneu, na sua linguagem poetica, os *principes* do reino vegetal.

Estes principes teem comtudo diversas hierarchias. As acanhadas *Calamus*, os humildes *Chamoerops*, não terão pretensões a hobrear com os coqueiros, as que produzem tamaras, as *Coryphas*, e especialmente o genero que é assumpto d'este artigo.

Não é possivel reprimir um sentimento de admiração vendo o seu grosso e bem lançado tronco, baloiçando-se indolentemente ao sopro das brisas tropicaes, a sua larga corôa de folhas entrelaçadas com os cachos de flores ou fructos, e especialmente quando a imagem se reflecte no cristalino espelho das aguas.

Esta mesma forma se encontra em muitas palmeiras; e a este respeito a palmeira *areca* sómente se distingue pelas dimensões: porém a vista prescrutinadora do naturalista descobre os

NOVEMBRO, 27, 1858.

detalhes mais intimos da sua organisação, e facilmente caracteriza o genero.

Eis os caracteres do genero *Areca*:

As suas flores são unisexuaes; porém os machos e femeas reúnem-se no mesmo cacho ou *spadice*. Os primeiros teem tres, seis, nove, ou doze estamines; as segundas, um ovario de tres repartimentos uni-ovulados, e tres stylos terminados cada um por seu stigmatte, algumas vezes sexil: uns e outras teem um periantho de seis lobulos dispostos em dois renques; são sexis, enterradas nas excavações dos ramos, e contidas, antes da floração, n'uma *spatha*, ou grande bractea, simples ou dupla, que completamente os encerra. O periantho é persistente e imbricado sobre o fructo, que é fibroso contendo só um grão.

O genero *areca* encerra grande numero de especies que serviram a formar alguns generos novos. Approvando sua formação, e os motivos que a ditaram devemos reportar-nos ao antigo genero *Areca*. Assim concebido no sentido o mais lato, encontra-se este espalhado nas regiões equatoriales dos dois continentes. As especies americanas formam hoje o genero *Oreodoxa*, cuja especie mais notavel é a palmista, ou *areca* da America (*Areca oleracia*) que habita as Antilhas.

Esta arvore tem uma tige muito elevada, e que termina em um ramalhete de oito a dez folhas do comprimento quasi de tres metros, apresentando dois renques de foliolos estreitos, lanceolados, oppostos, e dobrados no seu comprimento. As do centro, mais novas, ainda não desinvolvidas, tenras, estreitamente imbricadas, formam um olho conico, chamado *couve palmista*. Por cima estão *spathas* do comprimento quasi de um metro, contendo cachos de flores brancas, ás quaes succedem regimens de fructos carnosos, azues, oblongos, da grossura de uma azeitona, encerrando uma amendoa.

A raiz apresenta uma espiga de grossura e comprimento mediocres, cercada de grande numero de raizes lateraes, que servem a fixar a arvore ao solo.

A madeira, como todas as arvores endogeneas, compõe-se de uma parte central molle, esponjosa, e fibrosa, e d'uma zona de cinco a seis centimetros de espessura, de um pau escuro, compacto, pesado, e tão duro como o ebano. Esta madeira é de longa conservação, e serve para tubos e cannos de agua, e tambem para obras de marcenaria e torno.

A base das folhas, conhecida pelo nome de *empondro*, é lenhosa, larga, e excavada. Serve para o fabrico do sal, enchendo-a da agua do mar, que se deixa evaporar, e se vae renovando até que a sua excavação fique cheia de cristaes.

Da amendoa faz-se um oleo, que serve para illuminação.

O producto porém mais interessante d'esta arvore é a *couve*, ou olho terminal. Assimilha-se no sabor á *alcaxofra*; e come-se crua, ou

preparada de diversos modos. E' comida de facil digestão.

Ha varias especies, segundo os climas, d'estas palmeiras, que seria enfadonho enumerar, mas todas muito uteis pelos seus diversos productos.

O ENXOVAL DA INFANTA D. BEATRIZ, DUQUEZA DE SABOYA.

Continuação.

Roupa de mesa.

Uma peça de toalhas de mesa de dezeseis quarteis, de lavor de damasco, que tinha vinte e oito varas e sesma, de que se fizeram oito toalhas.

Outra peça de toalhas de doze quarteis, de lavor de Espírito Santo, de vinte e oito varas e quarta, de que se fizeram outras oito toalhas.

Mais sete varas de toalhas de mesa, de doze quarteis, de lavor d'albarradas, de que se fizeram duas de tres varas e meia cada uma.

Mais cem guardanapos de hollanda, de quatro a vara.

Vinte e quatro toalhas de peito, de hollanda, de vara e meia de comprido cada uma, e da largura do panno.

Vinte e quatro toalhas de hollanda, de cobrir pão, e servir, de comprimento de duas varas e meia cada uma, e da largura da hollanda.

Mais seis toalhas de hollanda para fructa, de uma vara cada uma.

Quatro lençoes de cinco pannos, e de quatro varas cada panno, para a copa; de sessenta réis a vara.

Seis toalhas para a copa, de uma vara cada uma, de panno de cento e cincoenta réis a vara.

Quatro toalhas de hollanda para capella, de altar, de quatro varas de comprimento cada uma.

Seis toalhas de mãos, isso mesmo para a capella, de uma vara cada uma.

Dois pannos de hollanda para as galhetas da mesa, de duas varas cada panno.

Para serviço das damas dois pannos de copa, de panno de bretanha, de sessenta réis, de oito varas cada um.

Seis toalhas da dita bretanha, de tres varas e meia cada uma de comprido, e de largura de uma vara e cinco sesmas.

Vinte toalhas de mãos, de lenço de Ruão, de cem réis a vara, de uma vara cada toalha.

Cem guardanapos do mesmo panno de Ruão, de quatro varas.

Mais dūzentas varas de bretanha, que se deu para lençoes de entre pannos de brocados, e outras coisas.

Tres faqueiros, a saber: um doirado, que tem dez peças: seis facas pequenas, e uma grande, dois cutelos e um garfo, tudo doirado nos terços com tachas de marfim: e os dois pretos, um com doze peças de facas, e o outro com quinze peças, em que entram seis garfos.

Uma cesta coberta de coiro preto curtido, forrada de panno azul.

Para a ucharia uma balança com seus pesos de duas arrobas, e uma cutela, e uma machadinha.

Para a mantearia um escalfador com sua cobertoira de cobre.

Uma bacia de cobre para se lavar prata, as quaes peças ambas pesaram vinte e quatro arrateis.

Para a guarda-reposta trinta varas de cordão de cadarço de côres.

Trinta varas de cordão de retroz com suas pontas para enfronhar.

Seis peças de cordão de cadarço de côres, de vinte varas cada peça.

Uma duzia de roldanas de pau.

Oito cambos estanhados para levantar os pannos e guarda-portas.

Uma duzia de escapolas de ferro grandes.

Duas mil e quinhentas escapolas.

Tres ferramentaes de coiro com quatro martellos.

Tres novelos de cordel de fio, uma duzia de cordel mais grosso, e duas duzias de negalhos de linhas, e quatro duzias de agulhas.

Uma caixa grande de pau com seus repartiamentos para a especearia, guarnecida com sua fechadura e chaves.

Uma duzia d'atacas de veado.

Mais tres escravos pretos, a saber: dois homens, e uma mulher.

Duas mulas.

Mais uma sella com seus guarnimentos de velludo preto; a saber: coberta de sella, xai-rel, almofada, funda e guarnimentos, franjado tudo de retroz preto e oiro; e o xai-rel e almofada com borlas do mesmo teor, e seus palilhos com toda a sua guarnição de ferro doirada, e com sua brida, copos, e redeas com sua borla e botões do dito retroz e oiro.

Outra guarnição sem sella e sem palilhos, e em tudo o mais, nem mais nem menos, que a de cima, tambem de velludo preto.

Mais para as damas dez sellas com seus paramentos, guarnimentos, xaireis, e almofadas com borlas de retroz preto, e tranças, e todo o mais franjado do dito retroz, com seus palilhos guarnecidos de todo, e suas bridas, copos, redeas, e estribeira, tudo de ferro doirado; e as ditas guarnições acabadas de tudo o que lhe é necessario, sem lhe faltar nada.

Mais cinquenta reposteiros para cobrir cargas, oitavados, de panno azul e verde com suas bordaduras de panno roxo, atorcelados de torçal amarello, com as armas da senhora duqueza infante no meio de panno branco, vermelho, e amarello.

Mais trinta almofreixes de Galles, com suas telhas, e aparelhados de todo, forrados de lona, saber: os vinte e quatro d'elles de dois em carga, e os seis de um em carga.

Vinte e duas arcas cobertas de coiro preto

curtido, guarnecidas de seus ferros, fechaduras, e chaves, no conto das quaes entram algumas de uma em carga.

Mais dezoito para a guarda-roupa, assim mesmo cobertas de coiro preto, todas de uma em carga, com seus ferros, fechaduras, e chaves de uma só fechadura.

Treze cofres guarnecidos de folhas de Flandres, de dois em carga...

Uma caixa de privado coberta de coiro preto com sua guarnição de ferros...

Uma arca coberta de velludo preto, de uma em carga, com sua guarnição de fita e cravadura doirada, e sua fechadura e chave.

Duas arcas de escriptorio, a saber: uma marchetada, e outra chã, com seus repartiamentos.

Quatro tocheiras, a saber: tres cobertas de coiro curtido com seus ferros, fechaduras, e chaves, tudo estanhado; e outra de pau...

Quatro mesas marchetadas, seus pés e tilhas, a saber: uma grande de quatro peças, e duas meãs de duas peças cada uma; e a outra pequena...

Coisas de cosinha.

Quatro tachos de cozer pescado.

Quatro tachos meãos para manjar branco, com cabos compridos.

Quatro bacias grandes de lavar carne.

Tres tachos pequenos redondos.

Duas colheres largas de escumar.

Duas caçoilas com suas cobertoiras.

Quatro panellas meãs com suas cobertoiras.

Dois caldeirões, um grande, e outro meão, com suas cobertoiras.

Um funil, e um caldeirão de aguadeiro.

Dois fornos, um grande, e outro pequeno, com suas trempes.

Quatro cantaros de aguadeiro, com suas tapadoiras. Todas estas peças de cobre pesaram quatrocentos e noventa e nove arrateis.

Mais de ferro para a cosinha.

Quatro espetos meãos.

Oito espetos muito grandes.

Dois assadores grandes.

Umas grelhas pequenas, e outras grandes.

Sete colheres grandes com seus cabos de torno.

Quatro gadanhos.

Tres tapadoiras grandes.

Dois gorivaldos.

Duas pás grandes com seus cabos de haste.

Duas trempes grandes para os caldeirões.

Tres cavallos grandes.

Umas tenazes grandes de tirar tições.

Duas leixes fritas.

Quatro certãs, duas grandes, e duas pequenas.

Uma pingadeira.

Uns ferros de fazer obra.

Vinte e quatro escapolas grandes.

Uns ferros para bolos besuntados.

Tres cutelos de cosinha, grandes.

Quatro navalhões.

Uns barris de pau para o aguadeiro, com doze arcos de ferro, e suas cadêas e cambos.

Um gral de pau com sua mão, cintado de ferro.

Dois graes de pedra marmore, com suas mãos de pau.

Um almofariz de metal com sua mão para o requeixo.

Cinco taboas para fazer pasteis, e outra maior, com que são seis.

Uma peneira dobrada de quatro peças, de bolicario.

Duas toalhas de panno da terra, de dois pannos, e de cinco varas cada um.

Sete pannos do teor, de uma vara cada um.

Dois ceirões d'esparto, e oito cordas.

Continua.



HABITANTE DA TERRA DE FOGO.

A Terra de Fogo é um grupo d'ilhas do oceano Atlantico, ao sul do estreito de Magalhães.

Em 1580, a Hespanha tentou estabelecer uma colonia agricola e commercial no estreito. Para effectuar tão grande projecto confiou-se a Diogo Fariz de Valdez o commando d'uma armada de vinte e tres navios, guarnecidos por tres mil e quinhentos homens; mas esta frota foi dispersa pelas tempestades. Um official d'esta expedição, Pedro Sarmiento de Gamboa, partiu do Peru no anno seguinte para realisar um projecto começado sob tão terriveis auspicios. A esquadra que commandava era menos consideravel que a precedente: tomou melhor as precauções; mas não obstante os resultados foram com pouca differença igualmente desastrosos.

Depois de ter edificado um forte no cabo da *Possessão*, e de tentar a construcção d'uma cidade a que deu o nome do seu soberano, Sarmiento julgou que, avançando no estreito, encontraria localidade ainda mais favoravel aos seus

projectos de colonisação, e arvorou o estandarte de Castella no magnifico porto, celebre depois sob o nome de *Porto da Fome*. Este nome diz, em termos energicos e concisos, quanto Sarmiento soffreu n'este deserto logar; mas Thomaz Candish, em 1587, é que impoz tal nome a estas paragens, onde tudo recordava a agonia dos hespanhoes. Privada então do seu chefe, que tentara voltar para a Europa com vinte e cinco homens cuja coragem lhe era conhecida, a colonia, dizimada pela fome, preparava-se para se transportar ás margens do Plata, não contando então mais de vinte e quatro individuos, e duas pobres mulheres europeas, admiraveis pela coragem, que não temeram partilhar e adoçar tantos males.

O ponto mais notavel que impressiona o navegante é o bello monte Sarmiento, vulcão extincto, que se eleva precipitadamente das margens do mar, e vac coroar-se de gelos resplandecentes a seis mil oitocentos pés d'altura. O intrepido Magalhães maravilhou-se da sua forma regular, e suppõe-se com razão que foi elle que o designou depois pelo nome de *Campana de Roldan*. Os modernos viajantes são unanimes na pintura do maravilhoso effeito que produz sobre este pico o sol, cujos raios são reverberados por gelos eternos.

Os habitantes d'estas regiões são pacificos e humanos; formam uma população que se não pode razoavelmente fazer subir a mais de quatro mil almas. O seu aspecto, mais ou menos miseravel, varia segundo o rigor das estações e a escassez das subsistencias; e mesmo a estas duas causas reunidas se deve attribuir a variedade das pinturas algumas vezes medonhas que d'elles fazem os viajantes. Submettidos ás privações que o rigor do paiz multiplica, apparecem ás vezes nas suas praias em estado de deffinamento que excita a piedade dos navegantes. Na configuração do craneo, no talhe, côr da pelle, crenças e usos, apresentam perfeita similhaça com os povos das extremidades d'America do sul.

Vestidos de pelle de lobo marinho, e mal defendidos contra os rigores do inverno, esta pobre gente é quasi sempre obrigada a satisfazer-se, para a sua subsistencia, com alguns mariscos que os patagões despresam, mas que elles olham como maná benefico. Mettidos em pirogas feitas de cortiça, que tem de doze a quinze pés de comprimento, percorrem sem descanso, em busca do sustento, as retalhadas plagas da Terra de Fogo: continuamente lhes é necessario mergulhar para despegar da rocha o marisco, e ás mulheres cabe este trabalho, constituindo a funda o arco e as flechas que os maridos levam um direito de soberba indolencia contra a qual nunca as pobres se ouviram reclamar. Assim resulta d'este estado, como observa d'Orbigny, que as mulheres da Terra de Fogo são, talvez, de todas as selvagens d'America, aquellas cuja sorte é mais desgraçada.



MONTE SARMENTO, NO ESTREITO DE MAGALHÃES.

CATALOGO DOS GOVERNADORES DE SOFALA E MOÇAMBIQUE.

CAPITÃES DE SOFALA.

1505. Pero d'Anhaya.
 1506. Manuel Fernandez. (Interino.)
 » Nuno Vaz Pereira. (Interino.)
 1507. Vasco Gomes de Abreu.
 1508. Ruy de Brito Patalim. (Interino.)
 1509. Antonio de Saldanha.
 1512. Simão de Miranda de Azevedo.
 1515. Sancho de Toar. (Interino.)
 » Christovam de Tavora.
 1518. Sancho de Toar (segunda vez.)
 1521. Diogo de Sepulveda.
 1525. D. Lopo d'Almeida.
 1528. Antonio da Silveira de Menezes.
 1531. Vicente Pegado.
 1538. Aleixo de Sousa Chichôrro.
 1541. João de Sepulveda.
 1547. Manuel de Mendonça (não chegou a tomar posse.)
 1548. Martinho de Castro (Idem.)
 » Fernão de Sousa de Tavora.
 1551. Diogo de Mesquita.
 1554. D. Diogo de Sousa.
 1558. Sebastião de Sá.
 1560. Pantaleão de Sá.
 1564. Jeronymo Barreto.
 1567. Pedro Barreto.

1569. Francisco Barreto (capitão general.)
 » Antonio Pereira Brandão (Interino.)
 1570. D. Fernando de Monroy (Idem.)
 1571. Vasco Fernandes Homem.
 1572. D. Simão da Silveira.
 1577. D. Pedro de Castro.
 1583. Nuno Velho Pereira.
 1586. D. Jorge Tello de Menezes.
 1589. D. Lourenço de Brito.
 1591. D. Pedro de Sousa.
 1595. D. Nuno da Cunha d'Athayde.
 1598. D. Alvaro d'Abranches.
 1601. D. Vasco Mascarenhas.
 1604. Sebastião de Macedo.
 1607. D. Estevam d'Athayde.

Governadores de Moçambique.

1609. D. Nuno Alvares Pereira.
 1611. D. Estevam d'Athayde (segunda vez.)
 1612. D. João d'Azevedo.
 1614. Ruy de Mello Sampayo.
 1619. D. Nuno Alvares Pereira (segunda vez.)
 1623. Nuno da Cunha.
 » D. Lopo d'Almeida (Interino.)
 1624. Diogo de Sousa de Menezes.
 1627. D. Nuno Alvares Pereira (terceira vez.)
 1631. Christovam de Brito e Vasconcellos (Interino.)
 1632. Diogo de Sousa de Menezes (segunda vez.)
 1633. D. Filippe Mascarenhas.
 1635. D. Lourenço Sottomaior.
 1639. D. Diogo de Vasconcellos.
 1640. Antonio de Brito Pacheco (Interino.)
 1641. Francisco da Silveira.
 1643. Julio Moniz da Silva.

(.) Os catalogos dos governadores do Brazil, da India, de Angola, de Cabo Verde, e de S. Thomé e Príncipe, encontram-se no volume anterior e no presente do *Panorama*.

1647. Alvaro de Sousa de Tavora.
 1656. D. Francisco Mascarenhas.
 1654. D. Francisco de Lima.
 1637. Manuel Corte Real de Sampayo.
 1661. D. Manuel Mascarenhas.
 1664. Antonio de Mello e Castro.
 1667. Ignacio Sarmento de Carvalho.
 1670. João de Sousa Freire.
 1673. Simão Gomes da Silva.
 1674. André Pinto da Fonseca.
 » Manuel da Silva (Interino.)
 1676. João de Sousa Freire (segunda vez.)
 1682. Caetano de Mello e Castro (capitão general.)
 1686. D. Miguel d'Almeida.
 1689. Manuel dos Santos Pinto.
 1692. Thomé de Sousa Corrêa.
 1693. Francisco Corrêa de Mesquita. (Interino.)
 1694. D. Estevam José da Costa.
 1696. D. Francisco da Costa.
 » Luiz de Mello Sampayo.
 1699. Jacome de Moraes Sarmento.
 1703. João Fernandes d'Almeida.
 1706. Luiz de Brito Freire.
 1708. Luiz Gonçalves da Camara.
 1712. João Fernandes d'Almeida (segunda vez)
 1714. D. Francisco Mascarenhas.
 1716. D. Francisco Sottomaior.
 1719. D. Francisco d'Alarcão Sottomaior.
 1722. Alvaro Caetano de Mello e Castro.
 1723. Antonio João de Sequeira e Faria.
 1726. Antonio Cardim Froes.
 1730. D. Antonio Casco de Mello.
 1733. José Barbosa Leal.
 1736. Nicolau Tolentino d'Almeida.
 1740. D. Lourenço de Noronha.
 1743. Pedro do Regó Barreto Gama e Castro.
 1746. Caetano Corrêa de Sá.

Continua.

INDIA PORTUGUEZA.

DEMONSTRAÇÃO DE VARIOS SUCCESSOS DAS ARMAS LUSITANAS, MODERNAMENTE HAVIDOS NA INDIA ORIENTAL.

Continuação. *

Duravam ainda as saudosas memorias d'esta lamentavel perda, quando com a chegada, e posse do vice-rei conde da Ega se fizeram mais ponderadas as circumstancias, que resultavam dos antecedentes successos: pelo que commensurada com madureza a grande utilidade, que se representava na posse de Pirmem para segurança da provincia de Bardez, mandou o vice-rei marchar uma luzida tropa commandada pelo brigadeiro Agostinho Jansens Moler, que teve o successo já relatado no capitulo 3.º do tomo 1.º.

Com as tropas do estado soccorreu o vice-rei conde da Ega a potencia maratá contra a praça de Danda Rajapur, governada por cabo Sidy

Do num. 45.

de nação, e por lei mahometano, com esperanças talvez de adquirir por este meio a paz, e socego de Goa e egualmente a restauração das terras do norte para celleiro, ou ao menos a ilha de Salcete da mesma provincia, e por conseguinte ver retirados da praça de Pondá inimigos tão poderosos. Não deixaria de ser applaudido este bem fundado projecto, se d'elle surtisse o lucro esperado: mas nem sempre ganancia conveniencias, quem ancioso se arroja aos perigos.

Ao mesmo passo, que marchavam as tropas portuguezas unidas aos maratás debaixo do commando de João Manuel de Azambuja, e armada naval do de Caetano Corrêa de Sá, para effeito de atacarem Danda Rajapur, appareceu arvorada por seus defensores em um baluarte a bandeira ingleza, protestando terem-na tomado ao Sidy debaixo da protecção de Inglaterra, o que visto voltou o exercito maratá ás suas terras, e as tropas portuguezas a Goa, deixando com isto satisfeito o Sidy, e descontente a cõrte de Ponnem; sem embargo de que não ignorava a antiga alliança, que havia entre Portugal e Inglaterra.

Ainda continuava em Goa a prejudicial deserção dos soldados, e criminosos, pela passagem de Pondá, sem que o seu cabo desse fiel cumprimento aos tratados feitos, e varias vezes renovados para não consentir em suas terras semelhantes desertores.

D'esta negociação com o regente Raguba, que na occasião se achava no campo de Mariche, sitiando a praça commandada por Govind Rao, pae de Gobal Rao, que perdeu a batalha, e ficou prisioneiro Madeo Rao de seu tio o regente Raguba, como se disse no 4.º capitulo do tomo 1.º, foi tambem encarregado Noronha, que com plena satisfação executou as ordens de que fõra incumbido.

Com melhor expedição concluiria todos os mais negocios na marcha, que o regente faria para restaurar o reino de Canará, conquistado n'esse tempo pelas armas de Aydar Alykan, se lhe não embaraçasse o projecto Nizam Aly, principe mogor com a ruptura de guerra, que fez aos maratás, na qual saindo casualmente ferido de uma bala perdida de mosquete moiro, se viu precisado voltar para Goa, onde com individuação instruiu ao vice-rei da grande impossibilidade em que se achavam os maratás poderem soccorrer a provincia de Pondá, e juntamente propondo-lhe com inexhausto valor, que havendo de marcharem tropas do estado para a sua conquista, não era bem desprezar a opportuna occasião, que se offerecia.

Esta louvavel advertencia ponderada com circunspecção pelo vice-rei foi admittida, e para se pôr em execução, dispoz com tanto acerto a desejada empresa que os gloriosos successos adquiridos das armas portuguezas na sua conquista escureceram as passadas memorias, de que se jactava aquellã tantas vezes triumphante praça de Mordangor. Não bem seriam passados quin

ze dias, quando logo se viram abatidos os seus muros, prostrado por terra o famoso templo, e despedaçado o idolo da maior veneração dos idolatras protector de guerreiros, e amparo seguro da praça.

Nas suas ruínas se levantou com geral applauso da christandade uma victoriosa columna com o estandarte da nossa Redempção, e finalmente foi destruido o padrão que para gloria da sua nação e perpetua memoria do glorioso triumpho de suas armas, tinham os maratás erigido no mesmo lugar, em que com lamentavel infelicidade cortou a parca cruel os fios da vida ao conde de Alva.

Conservava a casa de Bagy Rao té o anno de 64 na capital de Ponem sua cõrte, pendurada no templo da deusa Primal protectora da guerra, a espada do vice-rei onde a mandou depositar Sadouba: mas enganou-se de contado este general, como muitas vezes lh'o expoz Noronha, porque o conde pouco timorato ás soberbas acções de seus inimigos, que talvez por fazer menos apreço das formidaveis forças que intimavam, a não levava n'essa occasião. Todos os militares mostraram n'esta campanha sobrado valor, e forte constancia, não obstante render-se a praça e provincia, mais por força de maximas que por destreza da espada. Foi nomeado Noronha director d'esta tão bem succedida, como delineada acção, pelo vice-rei da India, e n'ella obrou não menos do que se esperava do incansavel zelo e fidelidade, que sempre praticou no real serviço do seu soberano.

Com esta utilissima conquista ficam seguros os dominios de Goa, sem mais outra precisão, que embarçar os caminhos dos tres Gattes Deguy, Peney, e Sambrane, cortando-se para isso algumas grossas arvores, e deixando-as cair sobre as estradas. Com muita facilidade não só se impedem aquelles passos tão frequentados de suas tropas, mas ainda outros pequenos, fazendo-se d'este modo impervir á cavallaria maratá, força maior d'esta potencia.

Seguem-se mais os Gattes de Cadaré, e Ancolá pertencentes a Aydar Alikan, o qual certamente lhes não permittirá entrada, e com maior efficacia lhes seria denegada, se fossem dos dominios de Goa, e muito menos a franquearão os consulsos pelo prejuizo que causam ás suas terras: mas previstos todos estes incommodos, chegou o tempo em que sem a minima difficuldade fez Izagy Pantá general da provincia do norte desembarcar tropas nos proprios dominios dos consulsos, por cuja razão se avisinharam os maratás á cidade de Goa. A proximidade d'estes maievolos, se deve sempre considerar prejudicial ao socego que d'antes lograva o estado, e muito mais se ficarem dominando (o que Deus não permitta) as terras dos consulsos.

A provincia de Canacona, e praça de Cabo de Rama adquiridas pelo mesmo vice-rei conde da Ega, pelas ter defendido do sitio em que as tinha posto Aydar Alikan no anno de 1764, por

serem fronteiras de Sevancor, e Piro, sempre embarçam as invasões d'aquelle regulo na provincia de Salcete, porque no emquanto se disputa a passagem de Canacona, tem os seus habitantes tempo de se pôrem em bom cobro, e de guarnecerem a praça de Rachol e juntamente de prevenirem todos os mais pontos.

Grande vantagem lograria o estado se estivesse na posse do Piro, se vencer Ancolá, e dos dois mencionados Gattes, sendo adquiridos por negociação, e não ganhados pela espada, supposta a decadencia em que hoje se acha Goa, e não lhe ser conveniente na presente conjunctura romper guerra. Caso porém que assim se não possa conseguir, esperar antes alguma separação dos seus vastos dominios por meio de revoluções, que infallivelmente nascerão por morte de Aydar Alikan, entre seus proximos parentes e antigos possuidores, como se tem visto em varios e modernos exemplos.

Depois de contractadas as pazes do regente Raguba com o principe mogor, a instancias dos botos, e bramanes, de Pondá, voltou aquelle as suas armas contra Goa tempo em que Madeo Rao havia tomado posse do governo maratá, como herdeiro da casa de Bagy Rao, por cujo motivo foi segunda vez expedido Noronha, embaixador nomeado pelo vice-rei, á sua cõrte. Estranha commissão na verdade; porque havendo sido este o principal director da empresa de Pondá, e executor pontual das operações que se obraram (como já se disse) contra a praça, templo, idolo, e padrão, parece que mais ia entregar-se a sacrificio, que a dar embaixada: porém o zelo de um cidadão amante da sua patria e a fidelidade de um vassallo no serviço do seu rei o fizeram desprezar perigos e proseguir a derrota.

Sem embargo das precauções com que se preveniu para esta arriscada jornada, a dez leguas de Goa, em um desfiladeiro de mattos se viu cercado de mais de seiscentos montanhezes, que de proposito o esperavam, não levando para sua defesa mais, que onze soldados europeus, e vinte indios.

Largo tempo disputou com elles a passagem, mas vendo diminuto já o numero dos que o acompanhavam, desistiu por fim da contumacia de passar ávante, resolvendo-se voltar para Goa, atravessado de uma bala de mosquete pela parte superior da perna esquerda, e o seu cavallo em que andava montado, defendendo-se d'aquella não esperada traição, passado com sete; morreram dois officiaes n'este conflicto, quatorze mais da sua comitiva; e finalmente padeceu perda geral de toda a bagagem.

A seis jornadas distantes de Goa se achava já acampado Pardan Madeo Rao em Mannaly: compunha-se o seu exercito de noventa mil de cavallo, e muitos de pé, a tempo que o Noronha, estava ainda mal convalescido das forças e com as feridas abertas, mas assim recebeu a ordem do vice-rei para segunda vez commetter a mesma diligencia. Logo que esta lhe foi apresen-

tada, sem minima repugnancia, e com heroico valor, se poz a caminho encontrando n'elle melhor fortuna do que na primeira vez experimentou. Com felicidade chegou ao campo maratá, onde teve audiencia de Pardan Madeo Rao, e d'elle logo conhecido pela amisade, que tratou com seu pae Nanam e tios, lembrando-se juntamente de que na sua infancia o acarinhava Noronha muitas vezes em seu regaço.

Continua.

PURPURA.

Segundo as mais remotas tradições da antiguidade, é ao acaso que se deve a descoberta da purpura.

O cão de um pastor quebrou, n'uma praia, a concha de um marisco; e o sangue que saltou d'elle tingiu o pescoço do animal de uma côr tão viva, que attraheu a attenção de quantos o viram, e assim foi que depois se applicou aos estofos.

Uns collocam esta descoberta no reinado de Phoenis, segundo rei de Tyro, e irmão de Cadmo, isto é cerca de mil e quinhentos annos antes de Jesus Christo; outros no tempo de Minos I, que reinou em Creta mil quatrocentos e trinta annos, antes da era christã. O maior numero porém de escriptores concedem a Hercules, o tyrio, a honra da invenção de tingir os estofos com purpura; e dizem que apresentou ao rei da Phenicia os seus primeiros ensaios.

Diz-se que este principe ficou tão cioso da belleza d'aquella nova côr que prohibiu o uso d'ella aos seus vassallos, reservando-a para os reis, e herdeiros presumptivos da corôa.

Moysés empregou os estofos de purpura, tanto nas vestimentas do grã-sacerdote, como nos ornamentos do tabernaculo; sem duvida porque a arte de tingir a purpura não era então nova; pois, segundo diz a historia, foi mister muito tempo para a levar á sua perfeição.

Entre os romanos, o direito de usar a purpura era exclusivo dos triumphadores; e mais tarde, dos imperadores. D'aqui se seguiu que a expressão de *tomar a purpura* significava *fazer-se proclamar imperador*.

Nos tempos modernos a purpura reservou-se para os altos dignatarios da egreja; e por isso a expressão *purpura romana*, quer dizer a *dignidade de cardeal*.

Por muito tempo houve incerteza sobre o marisco de que os antigos extrahiam aquella tinta, e até mesmo se acreditou perdido o segredo; comtudo descobriram-se por fim, tanto nas costas da Inglaterra, como nas do Poitou e Provença, conchas com os mesmos caracteres porque os antigos designavam o marisco que fornecia a purpura; e se hoje se não faz uso d'elle, é porque se encontrou o meio mais facil de fazer com a cochonilha uma côr muito mais bella.

Havia duas especies de purpura; a primeira, violeta, côr que os gregos designaram por uma

palavra que significava côr do mar, e que indica a purpura de Tarento; a segunda, a de Tyro, que era a mais estimada, e d'um vermelho carregado, côr de sangue.

Plinio diz que todos os esforços dos tyrios e phenicios tendiam a que a sua côr de purpura se aproximasse da do amethista oriental.

USO DAS PYRAMIDES DO EGYPTO.

Uma recente descoberta acaba de levantar uma ponta ao veu que cobria a mysteriosa Isis. O sabio doutor Mure, durante a sua estada no Egypto, teve conhecimento de um fragmento de manuscrito cophta que dizia ser a forma pyramidal exclusivamente applicada aos tumulos dos reis do Egypto, assim como a côr amarella é apanagio exclusivo dos imperadores do celeste imperio.

Sabido é que desde a mais remota antiguidade os egypcios tinham o direito de julgar os seus monarchas depois de mortos; mas não se sabia que tal julgamento tinha por sanção a dimensão da pyramide a que eram condemnados segundo suas boas ou más obras. Isto explica o grande numero de pequenas pyramides, que cobrem o solo do Egypto, e a escassez das grandes. Bastará portanto contal-as para ter o computo dos muitos soberanos que governaram este paiz, desde os Hyksos, que invadiram o Egypto muitos milhares de annos antes de Moysés, e cujos nomes estão gravados em laminas soterradas, segundo se julga, sob o cimento da primeira pyramide.

Quando certos reinados não haviam sido mais do que um insignificante parenthesis, marcavam-se com uma pyramide escarnecedoramente pequena, assentada no meio de um deserto de arêa, para representar a aridez de tal existencia.

As diversas opiniões emittidas sobre o destino das pyramides, por Bossuet, Persigny, Biot, Jomard, e Jobard, caem ante esta, que parece ser a unica verdadeira, em quanto não apparecer outra que a destrua.

Os obeliscos, e outros monumentos pertenciam aos principes, ministros, e sacerdotes. O povo era religiosamente embalsamado, e depositado nas vastas catacumbas das montanhas lybicas, onde existe tamanho numero de momias, que os inglezes pediram autorisação de as explorar, para alimentarem com ellas as caldeiras dos seus barcos de vapor, á falta de carvão de pedra. Recusou-se-lhes tal autorisação; mas nem por isso os fellahs da visinhança d'aquellas montanhas deixam de empregar os restos dos seus antepassados como combustivel.

Está completo o primeiro volume do Genio da Lingua Portugueza; devendo o segundo ficar concluido até o fim de Janeiro proximo futuro.

Achar-se-ha á venda esta obra na loja do editor da *Illustração Luso-Brazileira e do Panorama*.